

# Bancos emprestaram menos em 1988

por Tom Camargo  
de Londres

Em 1988, os empréstimos bancários efetuados no âmbito de operação do Banco para Compensações Internacionais (o BIS, que, da Basílica, na Suíça, funciona como banco central dos bancos centrais dos dez maiores países industrializados, da Suíça e de cerca de outra dezena de países) apresentaram substancial declínio em relação ao total de empréstimos feitos durante 1986/87, revertendo uma curva que se pusera em firme ascendente desde

que, em 1983, começou o ainda corrente período de retomada econômica observado nos países ricos.

Os números são substanciais: em 1986 as operações internacionais de empréstimos brutos (interbancários e para empresas e países, excluídos repagamentos de empréstimos existentes) feitas na área coberta pelo BIS totalizaram US\$ 654 bilhões, já ajustados para compensar os efeitos estimados de variações cambiais entre as diversas moedas movimentadas.

Em 1987, pelo mesmo cri-

tério, US\$ 760 bilhões mudaram de mãos. No ano passado esses empréstimos brutos totalizaram US\$ 495 bilhões. Pelo menos duas das principais razões para essa sensível redução no nível dos empréstimos têm algo a ver com países endividados como o Brasil e com os implícitos desequilíbrios nas relações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Segundo se depreende de dados do BIS e de um trabalho publicado pelo Banco da Inglaterra (banco central) apenas US\$ 7 bilhões de empréstimos foram feitos a clientes soberanos (países) fora da área do BIS em 1988. Em compensação, países endividados, não-produtores de petróleo, tornaram-se provedores líquidos de recursos, fazendo depósitos (repagando empréstimos) que totalizaram US\$ 8,9 bilhões no ano passado.

Partes desses repagamentos foram efetivos, como no caso da Coreia do Sul e de Formosa, que liquidaram compromissos por completo.

No caso de países envolvidos em programas de reescalonamento a situação é mais complexa. Na medida em que os bancos procuraram redesenhar seus balanços, vendendo ou trocando títulos da dívida no mercado secundário com grandes descontos, essas operações se refletiram negativamente nas estatísticas de empréstimos, na medida em que o estoque de empréstimos cai em razão direta dos descontos praticados no mercado secundário.

Além disso, títulos da dívida de países podem ser vendidos ou transferidos para bancos que estão fora do alcance das es-

## EMPRÉSTIMOS EXTERNOS POR BANCOS COBERTOS

PELO BIS

### PARTICIPAÇÕES POR MOEDAS (a)

Em percentagens, os fluxos excluem variações cambiais estimadas

| Moedas          | Fluxos |      |      |
|-----------------|--------|------|------|
|                 | 1986   | 1987 | 1988 |
| Dólar           | 58,8   | 48,0 | 38,3 |
| Marco Alemão    | 6,9    | 8,7  | 13,8 |
| Iene            | 16,4   | 29,7 | 73,5 |
| Franco Suíço    | 2,8    | 0,5  | 1,7  |
| Libra Esterlina | 4,5    | 3,3  | 9,2  |
| ECU             | 1,9    | 2,0  | 5,0  |
| Outras (b)      | 8,7    | 7,8  | 11,9 |

Fonte: Bis/Banco da Inglaterra

a) Exclui os empréstimos de instituições 'offshore'

b) Inclui os totais de posições de bancos norte-americanos em outras moedas que não o dólar.

tísticas do BIS, que calcula que o mercado secundário da dívida soberana movimentou entre US\$ 40 bilhões e US\$ 50 bilhões no ano passado, quase que o dobro de 1987. Algo como 80% das transações foram feitas com dívida latino-americana.

Outros motivos que teriam levado ao declínio de empréstimos internacionais no ano passado estariam relacionados com as sugeridas de harmonização e adequação de capital propostas pelo BIS no ano passado (elas fazem com que os bancos se concentrem mais em rentabilidade do que no crescimento do volume de operações, sendo que as margens do interbancário — que representa 75% dos negócios internacionais — são baixas) aos pequenos diferenciais entre as taxas domésticas e do euromercado e aos efeitos da desregulamentação de mercados financeiros como o de Frankfurt e o de Londres, que teriam feito retornar investimentos que estavam "offshore".

Contrastando com a diminuição dos empréstimos

das estatísticas bancárias e do mercado de capitais que cobrem os últimos dois anos. A primeira é de que o dólar viu seu papel como moeda para empréstimos ser claramente esvaziado (ver tabela).

Enquanto se responsabilizava, em 1986, por 58,8% dos fluxos internacionais de capitais e empréstimos, em 1987 esse percentual decidiu para 48%, ao passo que no ano passado 38,3% das transações foram feitas em dólar.

Ao contrário do que seria esperado, não foi o iene japonês o maior favorecido por essa relativa fraqueza, mas o marco alemão e a Unidade Monetária Europeia (ECU, na abreviação inglesa), que é a moeda estrutural formada por um cesto de moedas do Sistema Monetário Europeu, mais a libra esterlina.

A segunda constatação refere-se à crescente importância do Japão no cenário bancário. Em 1988 a parcela japonesa do mercado bancário internacional subiu para 21% (de 15,2% em 1986 e 18,6% em 1987), apenas 0,9% abaixo da Grã Bretanha, enquanto Tóquio e suas operações 'offshore' passaram a se responsabilizar por 40% de todos novos empréstimos internacionais. Os Estados Unidos, que em 1987 tinham ficado com 27,4% do movimento bancário internacional (tinham 29,4% em 1986), conseguiram pequena recuperação em 1988, voltando para 28,6% do mercado.

Grande parte do movimento dos bancos norte-americanos, contudo, esteve relacionado com o puro e simples financiamento do déficit em conta-corrente do balanço de pagamentos administrado por Washington.